

BIBLIOTECA	
Jornal:	A Tarde
Data:	06/06/08
Caderno:	Salvador 13
Página:	
Seção:	
Assunto:	Bairro

PATRIMÔNIO | Venda do edifício ao grupo espanhol Single Home – que derrubaria o prédio para fazer um hotel de luxo no lugar – foi desfeita por causa do tombamento

Caramuru encontra novo comprador

MARY WEINSTEIN

mweinstein@grupoatarde.com.br

A venda do Edifício Caramuru ao grupo espanhol Single Home – que derrubaria o prédio projetado pelo arquiteto Paulo Antunes, para fazer um hotel de luxo no lugar – foi desfeita por causa do tombamento que passou a proteger o imóvel há cinco meses. Mas o prejuízo para o empresário José Tavares, que devia quase R\$ 200 mil em IPTU, foi contornado porque um novo comprador disposto a adaptar o prédio aos parâmetros estipulados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) foi encontrado.

O novo negócio já foi fechado, e a multa pelo contrato de compra e venda rescindido com o grupo espanhol já foi quitada. José Tavares a pagou com o dinheiro que já recebeu do novo comprador, que é brasileiro e vai montar um call center no antigo imóvel. O novo proprietário também vai recolocar os *brises-soleil* (proteção do sol), que foram retirados das fachadas do imóvel e que eram uma de suas particularidades. Ele apenas pediu um tempo de três ou quatro anos para fazer isso. Seu nome e os valores da venda e da multa, o ex-dono do Caramuru não revela. Apesar do prejuízo, José Tavares está satisfeito. “O Ipac arrombou comigo”, queixou-se. Outra novidade é que a Single Home desistiu do prédio, mas não do hotel. Está procurando outro edifício em Salvador para poder se instalar.

DOCOMOMO – “As esquadrias do Caramuru estão em excelente estado, necessitam somente de reparo. Existem danos nos banheiros que foram destruídos. A estrutura do prédio está boa. Uma ação restaurativa maior seria no terraço. Esse, sim, foi destruído. Até a base das paredes ainda está lá e é possível refazer. As infiltrações podem ser resolvidas”. Esse diagnóstico, que con-



Prédio de Paulo Antunes ganhou projeção internacional nos anos 50



Chesf do arquiteto Assis Reis é exemplo do moderno na Bahia



Sem proteção nem reflexão, Clube Português foi demolido



O Docomomo Brasil foi criado em 1992 junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Ufba. A atual gestão está vinculada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

tradiz as primeiras impressões sobre o Edifício Caramuru e que provocou protestos contra o tombamento, foi feito pelo arquiteto Márcio Campos.

Como um dos organizadores do 2º Seminário do Docomomo Norte e Nordeste, que acontece até amanhã na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, ele esteve no imóvel junto com outros participantes. A obra, que ganhou prêmios na década de 50, suscitou polêmica porque somente há cinco meses foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac). E, sob a proteção do Estado, não poderia ser demolida.

O seminário *Desafios da preservação: referências da arquitetura e do urbanismo no Norte e Nordeste* trata de casos como o do Caramuru. Foi aberto com a palestra do carioca Acácio Gil Borsói (veja entrevista abaixo) e pelo baiano Assis Reis, autor do prédio da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), na Paralela, também ganhador de prêmios. Em sua exposição, Assis disse que a transformação de Salvador hoje é assustadora.

O Docomomo é uma organização que cuida da documentação e da preservação das criações do Movimento Moderno na Arquitetura e no Urbanismo. Tem representação em mais de 40 países. Foi fundada em 1988 e atualmente está sediada em Paris. A ONG assessora o World Heritage Center, da Unesco.

O coordenador do Docomomo no Brasil, o gaúcho Carlos Eduardo Comas, diz que de 1936 a 1970, a arquitetura brasileira foi vanguarda e que se produziu um “museu”, porque foi um período de crescimento do País. “O Brasil tem um acervo que vai do monumento ao cotidiano. Há uma década, o mundo todo vê essa metade do século XX como um período altamente criativo. Só os bobos não dão bola para isso”, disse Carlos Eduardo Comas.

“A falta de cultura é geral, é uma falta de respeito”

Acácio Gil Borsói | Arquiteto

Acácio Gil Borsói, 83 anos, abriu o Seminário do Docomomo. Diplomado na década de 40, Borsói trabalhou no Iphan, na época do fundador, Rodrigo de Melo Franco. Ele assinou residências, edifícios públicos e comerciais em vários Estados. Projetou habitação popular no governo Miguel Arraes e é reconhecido pela autoria da Praça Fleming. À repórter MARY WEINSTEIN, falou sobre o patrimônio no Brasil.

A TARDE | O senhor acha que a arquitetura moderna deve ser valorizada? Acha que ela está sendo bem conservada no Brasil?

ACÁCIO GIL BORSÓI | A arquitetura



Rococó, o Art Déco, o Art Nouveau e depois chegou ao racionalismo do Le Corbusier e de outros que começaram a fazer uma arquitetura menos ornamentada. E amanhã

mur, que ganhou notoriedade internacional. O senhor chegou a ver esse projeto?

AGB | O Paulo Antunes foi meu amigo, agora o prédio, eu não conheci. Mas se puder, eu vou querer ir ver. Ele era da primeira fase da arquitetura racionalista no Brasil.

AT | Esse prédio seria demolido, para em seu lugar ser feito um hotel que contribuiria com a revitalização do Centro de Salvador.

AGB | Isso está acontecendo em todo o Brasil, a falta de cultura é geral, é uma falta de respeito. A nossa origem é Portugal. Se você for a Lisboa e ao Porto, as cidades são mantidas com toda dignidade. O Brasil não tem uma cidade que tenha o caráter de uma época. Porque eles vão descaracterizando, que depois ninguém mais entende nada.

conhecimento e à cultura. Aqui em Recife tem uma meninada que diz tanta bobagem que eu fico impressionado.

AT | O senhor esteve em Salvador especialmente para julgar projetos, não foi?

AGB | Julguei o concurso do Centro de Convenções, que quem ganhou foram os irmãos Roberto. Depois houve problemas, ficou confuso. Fui para o concurso da Biblioteca (dos Barris). Faz muito tempo que não vou aí.

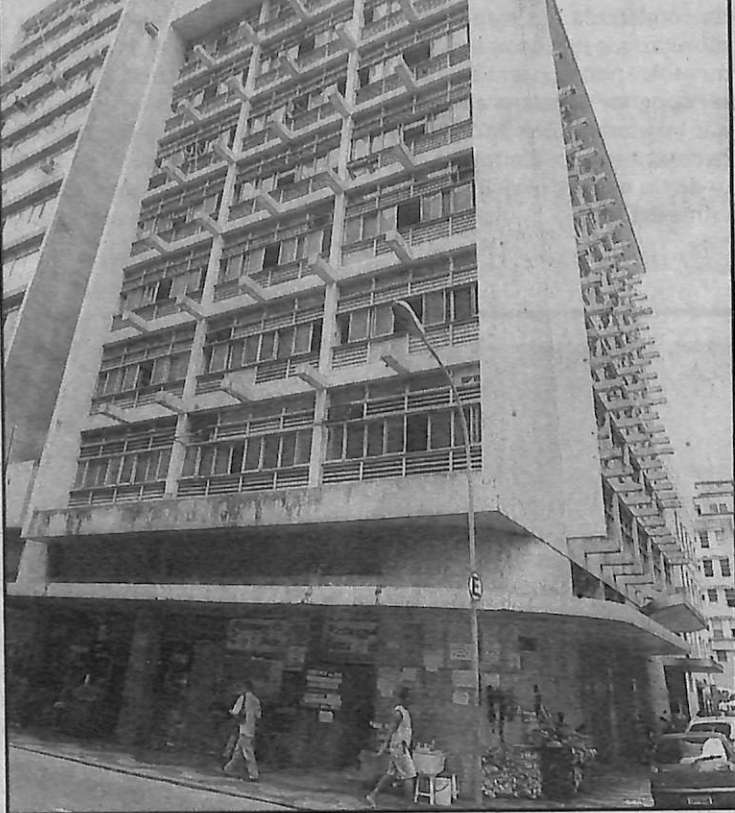
AT | O senhor sabe que o gabarito da orla de Salvador está liberado e vai se poder construir edifícios como na Boa Viagem?

AGB | Há muitos anos, eu estive em Beijing e em outras cidades da

A venda do Edifício Caramuru ao grupo espanhol Single Home – que derrubaria o prédio projetado pelo arquiteto Paulo Antunes, para fazer um hotel de luxo no lugar – foi desfeita por causa do tombamento que passou a proteger o imóvel há cinco meses. Mas o prejuízo para o empresário José Tavares, que devia quase R\$ 200 mil em IPTU, foi contornado porque um novo comprador disposto a adaptar o prédio aos parâmetros estipulados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) foi encontrado.

O novo negócio já foi fechado, e a multa pelo contrato de compra e venda rescindido com o grupo espanhol já foi quitada. José Tavares a pagou com o dinheiro que já recebeu do novo comprador, que é brasileiro e vai montar um call center no antigo imóvel. O novo proprietário também vai recolocar os *brises-soleil* (proteção do sol), que foram retirados das fachadas do imóvel e que eram uma de suas particularidades. Ele apenas pediu um tempo de três ou quatro anos para fazer isso. Seu nome e os valores da venda e da multa, o ex-dono do Caramuru não revela. Apesar do prejuízo, José Tavares está satisfeito. “O Ipac arrombou comigo”, queixou-se. Outra novidade é que a Single Home desistiu do prédio, mas não do hotel. Está procurando outro edifício em Salvador para poder se instalar.

DOCOMOMO – “As esquadrias do Caramuru estão em excelente estado, necessitam somente de reparo. Existem danos nos banheiros que foram destruídos. A estrutura do prédio está boa. Uma ação restaurativa maior seria no terraço. Esse, sim, foi destruído. Até a base das paredes ainda está lá e é possível refazer. As infiltrações podem ser resolvidas”. Esse diagnóstico, que con-



Prédio de Paulo Antunes ganhou projeção internacional nos anos 50



Chesf do arquiteto Assis Reis é exemplo do moderno na Bahia



Sem proteção nem reflexão, Clube Português foi demolido



O Docomomo Brasil foi criado em 1992 junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Ufba. A atual gestão está vinculada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

sobre o Edifício Caramuru e que provocou protestos contra o tombamento, foi feito pelo arquiteto Márcio Campos.

Como um dos organizadores do 2º Seminário do Docomomo Norte e Nordeste, que acontece até amanhã na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, ele esteve no imóvel junto com outros participantes. A obra, que ganhou prêmios na década de 50, suscitou polêmica porque somente há cinco meses foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac). E, sob a proteção do Estado, não poderia ser demolida.

O seminário *Desafios da preservação: referências da arquitetura e do urbanismo no Norte e Nordeste* trata de casos como o do Caramuru. Foi aberto com a palestra do carioca Acácio Gil Borsói (veja entrevista abaixo) e pelo baiano Assis Reis, autor do prédio da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), na Paralela, também ganhador de prêmios. Em sua exposição, Assis disse que a transformação de Salvador hoje é assustadora.

O Docomomo é uma organização que cuida da documentação e da preservação das criações do Movimento Moderno na Arquitetura e no Urbanismo. Tem representação em mais de 40 países. Foi fundada em 1988 e atualmente está sediada em Paris. A ONG assessora o World Heritage Center, da Unesco.

O coordenador do Docomomo no Brasil, o gaúcho Carlos Eduardo Comas, diz que de 1936 a 1970, a arquitetura brasileira foi vanguarda e que se produziu um “museu”, porque foi um período de crescimento do País. “O Brasil tem um acervo que vai do monumento ao cotidiano. Há uma década, o mundo todo vê essa metade do século XX como um período altamente criativo. Só os bobos não dão bola para isso”, disse Carlos Eduardo Comas.

“A falta de cultura é geral, é uma falta de respeito”

Acácio Gil Borsói | Arquiteto

Acácio Gil Borsói, 83 anos, abriu o Seminário do Docomomo. Diplomado na década de 40, Borsói trabalhou no Iphan, na época do fundador, Rodrigo de Melo Franco. Ele assinou residências, edifícios públicos e comerciais em vários Estados. Projetou habitação popular no governo Miguel Arraes e é reconhecido pela autoria da Praça Fleming. À repórter MARY WEINSTEIN, falou sobre o patrimônio no Brasil.



DIEGO MASCARENHAS | AG. A TARDE

A TARDE | O senhor acha que a arquitetura moderna deve ser valorizada? Acha que ela está sendo bem conservada no Brasil?

ACÁCIO GIL BORSÓI | A arquitetura moderna amanhã será a arquitetura do passado. O que muda daqui para o futuro é a tecnologia, as necessidades do conforto ambiental, que cada vez aumentam mais. Até a metade do século passado não tinha computador, informática. Essas coisas fazem as técnicas de construção variarem, vão determinando a transformação. Essa transformação no Brasil acontece com um atraso em relação a outros lugares, à Europa. Mas os costumes e a cultura influenciam. Houve o Renascimento, o Barroco, o

Rococó, o Art Déco, o Art Nouveau e depois chegou ao racionalismo do Le Corbusier e de outros que começaram a fazer uma arquitetura menos ornamentada. E amanhã vai vir outra coisa. Hoje, nós mantemos assim, mas já existem alguns elementos do século XXI. O Frank Gehry faz as fachadas todas aparafusadas com porcas. O português Sotomaior também já faz fachadas aparafusadas, aparecendo os parafusos. Argamassa colada vai acabando. É igual a automóvel – é um processo evolutivo da civilização toda.

AT | O senhor chegou a conhecer o arquiteto carioca Paulo Antunes? Ele fez aqui o Edifício Cara-

mur, que ganhou notoriedade internacional. O senhor chegou a ver esse projeto?

AGB | O Paulo Antunes foi meu amigo, agora o prédio, eu não conheci. Mas se puder, eu vou querer ir ver. Ele era da primeira fase da arquitetura racionalista no Brasil.

AT | Esse prédio seria demolido, para em seu lugar ser feito um hotel que contribuiria com a revitalização do Centro de Salvador.

AGB | Isso está acontecendo em todo o Brasil, a falta de cultura é geral, é uma falta de respeito. A nossa origem é Portugal. Se você for a Lisboa e ao Porto, as cidades são mantidas com toda dignidade. O Brasil não tem uma cidade que tenha o caráter de uma época. Porque eles vão descaracterizando, que depois ninguém mais entende nada. Isso é desconhecer a memória.

AT | O senhor faz a arquitetura de sua época e defende patrimônio. Uma coisa depende da outra?

AGB | Eu trabalhei no Iphan com uma turma de peso. Eram o Lúcio Costa e outros. Agora tem uma menina que não sabe de nada. O Iphan era uma coisa para proteger a história. Proteger não é proibir. É compatibilizar. Porque você não pode proibir uma cidade de crescer, se desenvolver. Precisa um corpo de profissionais ligados ao

conhecimento e à cultura. Aqui em Recife tem uma menina que diz tanta bobagem que eu fico impressionado.

AT | O senhor esteve em Salvador especialmente para julgar projetos, não foi?

AGB | Julguei o concurso do Centro de Convenções, que quem ganhou foram os irmãos Roberto. Depois houve problemas, ficou confuso. Fui para o concurso da Biblioteca (dos Barris). Faz muito tempo que não vou aí.

AT | O senhor sabe que o gabarito da orla de Salvador está liberado e vai se poder construir edifícios como na Boa Viagem?

AGB | Há muitos anos, eu estive em Beijing e em outras cidades da China e era tudo baixo. Agora tem prédios altíssimos. Vejo nos filmes, é cheia de arranha-céus. Quer dizer então que Salvador está acompanhando a China (risos). É triste. Não é que eu seja contra edifício. Eu mesmo fiz muitos prédios. Mas é preciso fazer com critérios e não com interferência no que já existe. Onde há um monumento tombado é que é danado. É uma relação muito agressiva. Um prédio alto ao lado ou no fundo de igreja antiga, por exemplo, destrói todo o ambiente. Isso está acontecendo em todos os lugares, no Brasil inteiro.